

Diálogos entre a Neurociência e os projetos de Educomunicação na escola ¹

Dayane Laurentino de Oliveira²

Edilane Carvalho Teles³

Universidade Estadual do Estado da Bahia, Juazeiro - BA

Resumo

O presente artigo analisa a interface entre Educomunicação e Neurociência como elementos potencializadores dos processos educativos na educação básica. A investigação apoia-se em experiências de Estágios Supervisionados e projetos de extensão, os quais evidenciam o uso cotidiano das tecnologias midiáticas pelos discentes, ainda pouco integradas às práticas escolares tradicionais. Adota-se uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e participativa, fundamentada na hermenêutica filosófica. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e observação participante. Os resultados indicam que tais práticas favorecem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, ao promoverem ambientes interativos e significativos.

Palavra-chave: Educomunicação; Neurociência; Pedagogia educacional; Projetos.

1. Introdução

A contemporaneidade está marcada pela presença constante das tecnologias e mídias digitais no cotidiano dos sujeitos, inclusive no ambiente escolar, ainda que persistam limitações estruturais nas instituições de ensino. Observa-se, contudo, uma dissociação entre a realidade midiática dos estudantes e as práticas pedagógicas tradicionais. Durante os Estágios Supervisionados (II e III) e as atividades do Núcleo de Aprofundamento de Estudos em Educação e Comunicação (Educom), da Universidade do Estado da Bahia, entre 2022 e 2023, foi possível perceber que estudantes demonstravam grande familiaridade com conteúdos midiáticos como animes, jogos eletrônicos e séries em plataformas de streaming, os quais permanecem marginalizados no espaço escolar formal.

Essa lacuna evidencia a necessidade de uma pedagogia que dialogue com os

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA/UNEB (2025.1) E-mail: dayaneloliveira1.1@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Uneb. Líder do Grupo de Pesquisa Polifonia (Uneb) e membro do Mediações Educomunicativa (ECA-USP). E-mail: ecteles@uneb.br

repertórios culturais e comunicacionais dos alunos, valorizando suas formas de expressão e compreensão do mundo. A educomunicação, entendida como campo interdisciplinar que articula educação e comunicação (Soares, 2011a), quando respaldada pelas contribuições da neurociência, especialmente no que se refere à relação entre emoção, cognição e aprendizagem, apresenta-se como alternativa promissora para ressignificar os processos formativos. Tal abordagem se fortalece ainda mais quando desenvolvida a partir das demandas concretas dos grupos escolares.

Nesse cenário, os desafios à formação docente se ampliam, exigindo não apenas o domínio técnico dos recursos midiáticos, mas a capacidade crítica de integrá-los ao currículo de forma criativa, ética e significativa. A reorganização do tempo escolar, pautada na escuta, na experimentação e na criação colaborativa, torna-se, portanto, fundamental para um ensino que seja mais dialógico e sensível às transformações socioculturais contemporâneas.

Diante disso, o presente estudo tem por objetivo analisar as percepções de três docentes sobre os impactos e desafios da implementação de projetos educacionais em escolas públicas de Juazeiro-BA, à luz das contribuições da neurociência para o ensino e aprendizagem. Trata-se de um recorte de uma investigação mais ampla, cujo foco aqui se concentra na análise das entrevistas realizadas com os professores participantes, considerando os sentidos atribuídos por eles à experiência vivida nas práticas educacionais.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Interfaces das educomunicação na produção de conhecimento

A educomunicação, enquanto campo interdisciplinar emergente, propõe uma articulação entre os saberes da comunicação e da educação, rompendo com a lógica transmissiva e hierarquizada tradicional. Segundo Soares (2011a, p. 45), “[...] não é apenas uma metodologia de ensino, mas um novo paradigma de comunicação educativa que visa democratizar a informação e promover a cidadania ativa”. Nessa perspectiva, os espaços escolares passam a ser compreendidos como ecossistemas comunicativos que favorecem a mediação crítica das mídias, a criação de conteúdos pelos próprios estudantes e o protagonismo juvenil, aspectos centrais para a formação cidadã.

Esse paradigma se alinha às concepções freireanas de educação libertadora, baseada no diálogo e na problematização da realidade. Freire (1996, p. 47) afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, destacando o papel ativo do educando. A proposta educomunicativa, ao valorizar a experiência vivida dos sujeitos, reforça essa dimensão dialógica, ao mesmo tempo em que promove práticas pedagógicas que estimulam a reflexão crítica, a escuta ativa e a construção coletiva do saber.

Kaplún (1999, p. 27) contribui para essa discussão ao defender uma comunicação educativa em que o sujeito “[...] não é moldado por uma mensagem pronta, mas constrói ativamente o conhecimento a partir da interação com o outro e com o meio”. Essa abordagem fomenta a criação de metodologias participativas, inclusivas e mediadas pelas linguagens contemporâneas, como a midiática e a digital. Nesse sentido, como ressalta Citelli (2011, p. 90), “[...] a educomunicação transforma a mídia de objeto de estudo em instrumento de expressão e construção do conhecimento”.

Ademais, a educomunicação amplia as possibilidades de desenvolvimento de competências socioemocionais, tais como empatia, cooperação, autonomia e responsabilidade. Baccega (2011, p. 53) observa que, ao articular comunicação, linguagem e cultura, esse campo “[...] amplia os horizontes interpretativos dos sujeitos, permitindo-lhes interagir com a diversidade de maneira mais ética e reflexiva”. A efetivação dessa proposta, no entanto, exige uma postura docente investigativa, criativa e aberta às transformações sociotécnicas da cultura digital. Como destaca Nonnenmacher (2012, p. 81), “[...] o desafio do professor contemporâneo não é dominar todas as tecnologias, mas saber integrá-las pedagogicamente de forma crítica e significativa”.

2.2 Neurociência e aprendizagem

A Neurociência, enquanto campo dedicado ao estudo do sistema nervoso, tem contribuído significativamente para a compreensão dos processos de aprendizagem. Com os avanços da neuroimagem e da neurobiologia cognitiva, tornou-se possível observar como o cérebro reage a diferentes estímulos pedagógicos e contextos emocionais. Cosenza e Guerra (2011, p. 25) afirmam que “[...] o cérebro é um órgão

que aprende por meio da experiência e da interação com o ambiente, sendo, portanto, profundamente sensível ao contexto educacional em que o sujeito está inserido”.

Nesse sentido, a aprendizagem é entendida como um fenômeno neurobiológico e sociocognitivo, sustentado pela plasticidade cerebral, capacidade do cérebro de se reorganizar diante de novas experiências. Herculano-Houzel (2002, p. 63) sintetiza esse princípio ao afirmar que “[...] aprender significa modificar o cérebro; trata-se de um processo físico, que envolve a reorganização dos circuitos neuronais a partir das experiências vividas pelo indivíduo”. Assim, práticas pedagógicas que envolvam experimentação, afeto e participação ativa favorecem a consolidação das aprendizagens.

As emoções exercem papel fundamental nesse processo. Lent (2010, p. 78) destaca que “[...] emoções positivas fortalecem a memória e ampliam a capacidade de atenção, pois ativam estruturas como o hipocampo e a amígdala”. Dessa forma, ambientes afetivamente seguros potencializam o engajamento e a retenção do conhecimento. Fonseca (2013) também ressalta a importância de considerar os estilos cognitivos e os ritmos individuais, reforçando a necessidade de intervenções pedagógicas personalizadas e significativas.

Além disso, aspectos como atenção, memória e linguagem influenciam diretamente o desempenho escolar. Foz (2009) afirma que “sem atenção, não há percepção; sem percepção, não há memória; e, sem memória, não há aprendizagem possível” (p. 172). Estratégias educacionais, ao articularem múltiplas linguagens e estímulos sensoriais como som, imagem, vídeo e performance, favorecem uma aprendizagem multissensorial e mais eficaz. Por fim, como aponta Morin (2001, p. 32), “[...] a aprendizagem significativa é aquela que produz reorganizações cognitivas e favorece a autonomia reflexiva do sujeito”, destacando a importância do erro, da dúvida e da metacognição na construção ativa do conhecimento.

3. Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem metodológica qualitativa, de caráter exploratório e fundamentada nos princípios da hermenêutica filosófica. A pesquisa foi desenvolvida em três escolas públicas de Juazeiro-BA, durante estágios supervisionados e atividades de extensão, com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos às

práticas educomunicativas nos contextos escolares. Conforme Franco e Ghedin (2008, p. 108), “[...] a metodologia da pesquisa, na abordagem reflexiva, caracteriza-se fundamentalmente por ser a atitude crítica que organiza a dialética do processo investigativo; que orienta os recortes e as escolhas feitas pelo pesquisador”. Dada a amplitude do material empírico, este artigo opta por focalizar a análise nas entrevistas com três docentes participantes, privilegiando suas percepções sobre os impactos e desafios da implementação da Pedagogia Educomunicativa, conforme delimitado para os objetivos desta produção.

A coleta de dados ocorreu em três instituições com diferentes níveis de ensino (Fundamental I, II e Médio): Escola Municipal José Padilha de Souza, Escola Municipal Educandário João XXIII e o Complexo Integrado de Educação da Bahia – Campus Rui Barbosa. Utilizou-se a observação participante como técnica principal durante o desenvolvimento dos projetos, permitindo o registro de interações, estratégias pedagógicas e reações dos estudantes. Contudo, neste recorte analítico, o foco volta-se para as entrevistas semiestruturadas realizadas com os três professores envolvidos, visando compreender suas leituras sobre o processo educomunicativo. Em um dos casos, devido a limitações de saúde, a coleta se deu por meio de questionário estruturado via Google Forms, garantindo anonimato e liberdade de expressão. A participação da pesquisadora no campo, como mediadora e observadora, reforça o caráter participante da investigação e sustenta a compreensão de que não há neutralidade na produção do conhecimento, uma vez que o pesquisador está imerso em seu contexto social e histórico (Habermas, 2012).

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise Textual Discursiva (ATD), abordagem que possibilita uma interpretação crítica e articulada com a complexidade do fenômeno investigado. Segundo Galiazzi, Ramos e Moraes (2021, p. 88), “[...] é possível afirmar que ao envolverem-se com a ATD os pesquisadores percebem-se em um descolamento do explicar causal para o compreender na complexidade”. O processo

seguir as etapas de unitarização, categorização e construção de metatextos. As categorias emergentes foram organizadas em três eixos: 1) conhecimentos docentes sobre educomunicação; 2) impactos na aprendizagem; e 3) desafios de implementação.

Essa análise, ancorada na hermenêutica filosófica, permitiu não apenas descrever os fenômenos, mas interpretá-los à luz do referencial teórico, relacionando as práticas observadas às contribuições da Neurociência sobre o papel das emoções, da atenção e da experiência significativa nos processos de aprendizagem.

4. Resultados E Discussão

Com base no recorte definido para este artigo, os resultados aqui apresentados concentram-se na análise das entrevistas realizadas com três professores participantes de projetos educacionais em escolas públicas de Juazeiro-BA. O objetivo é compreender como esses docentes percebem os impactos e os desafios da articulação entre educomunicação e neurociência no processo de ensino e aprendizagem. Essa escolha metodológica visa dar visibilidade à leitura que os sujeitos fazem da experiência vivida, destacando sentidos atribuídos às práticas, conforme sugere Franco e Ghedin (2008).

Os depoimentos indicaram que a abordagem educacional, quando alinhada aos princípios da neurociência, promoveu transformações relevantes nas dinâmicas de sala de aula. Um dos professores relatou: *“Quando vocês começaram o projeto partindo do que eles queriam, como vocês disseram, eles sendo os protagonistas, eles começaram a interagir e ficaram animados, agindo no emocional deles, e certamente influenciou na aprendizagem”* (Entrevistado 1). Essa fala ressoa com os estudos de Cosenza e Guerra (2011), que associam a aprendizagem significativa à ativação de circuitos neurais ligados à emoção e à motivação.

Além disso, os professores destacaram o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais entre os estudantes. Conforme apontado: *“Além de ampliarem seus conhecimentos sobre a história e cultura local, essas atividades estimularam o desenvolvimento de habilidades como pesquisa, expressão oral e escrita, e trabalho em equipe, ajudaram também na criatividade e raciocínio”* (Entrevistado 2). Isso dialoga

com a perspectiva neurocientífica apresentada por Fischer (2009), ao defender que “[...] a aprendizagem escolar com base na atividade promove uma aprendizagem que não é simplesmente aquisição de objetos de conhecimento [...], mas construção ativa de saberes”.

Outro aspecto recorrente nas falas foi a melhora na atenção e concentração dos estudantes durante os projetos. Uma docente observou: “[...] *nesses casos que era trabalhado o cotidiano deles, eles conseguiam se concentrar e manter o foco, como uma atenção seletiva, de acordo com o gosto dos alunos*” (Entrevistada 3). Essa percepção é respaldada por Foz (2009, p. 172), para quem “[...] a modificação das sinapses é a base fundamental da aprendizagem”, reforçando a importância de metodologias que mobilizem o interesse genuíno dos alunos.

Os docentes também relataram avanços na socialização e no engajamento emocional dos alunos. Um deles afirmou: “[...] *tinha alguns que não interagiam com os outros na sala de aula, ficaram mais inclusos, sabe?*” (Entrevistado 1). Esse achado converge com a teoria sociocultural de Vygotsky (1999) e com as contribuições de Spitzer (2002), ao apontar que a cooperação ativa entre pares ativa o sistema de recompensa cerebral e reforça comportamentos colaborativos.

Entretanto, os entrevistados também destacaram obstáculos significativos à implementação da Pedagogia Educomunicativa, especialmente no que se refere à resistência institucional e à ausência de formação específica. Um dos docentes comentou: “[...] *a falta de apoio da própria gestão da escola, sempre que penso em trazer algo desse tipo e levo para a coordenação, é uma enxurrada de desculpas*” (Entrevistado 2). Essa fala ilustra o que Martín-Barbero (2011) descreve como a permanência de estruturas escolares centralizadoras e descoladas das práticas sociais contemporâneas.

Apesar das dificuldades, as percepções dos professores indicam que a educomunicação pode contribuir significativamente para tornar a escola um espaço mais dinâmico e acolhedor. “[...] *a escola tornou-se naquele momento um ambiente mais dinâmico e estimulante*” (Entrevistado 1). Essa ideia está em sintonia com Soares (2011a), para quem a educomunicação representa “[...] um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os segmentos humanos”.

Por fim, os relatos analisados reforçam que a integração entre educomunicação e neurociência é uma via promissora para a construção de uma pedagogia mais significativa. No entanto, como alerta Soares (2011b), essa transformação exige intencionalidade e políticas institucionais comprometidas: “[...] a educomunicação não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente”.

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que a articulação entre educomunicação e neurociência representa uma via promissora para a construção de processos educativos mais significativos, engajadores e alinhados às necessidades contemporâneas dos estudantes. A partir da escuta ativa e da valorização dos interesses dos discentes, os projetos analisados revelaram impactos positivos no engajamento emocional, no desenvolvimento cognitivo e nas habilidades socioafetivas, aspectos fundamentais para a consolidação da aprendizagem, conforme apontam Cosenza e Guerra (2011) e Fischer (2009).

As percepções dos docentes entrevistados destacaram avanços na criatividade, na atenção, na memória e na cooperação entre os estudantes, resultados que dialogam com princípios da neuroeducação e com a prática pedagógica educomunicativa como promotora de ambientes mais interativos e inclusivos. A escola, quando se abre à escuta e à experimentação, pode se tornar um espaço vivo de construção coletiva do conhecimento, favorecendo o protagonismo estudantil e o fortalecimento das relações sociais no contexto da aprendizagem.

Entretanto, para que tais transformações se consolidem, é imprescindível superar os entraves estruturais identificados, como a resistência institucional e a carência de formação específica para os educadores. Conforme alerta Soares (2011b), a educomunicação demanda intencionalidade, planejamento e políticas públicas que a sustentem como paradigma de inovação pedagógica. A experiência vivida nas escolas de Juazeiro-BA aponta que, quando apoiada por um compromisso institucional, essa

abordagem tem o potencial de reconfigurar práticas educativas e fortalecer o papel dos sujeitos como autores do seu próprio processo formativo.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Sujeito, comunicação e cultura**, São Paulo: Paulinas, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONSENZA, Ramon, GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**, Porto Alegre, Artmed, 2011.

FISCHER, Rosa Maria. **O desafio da diversidade nas organizações**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicologia e psicopedagogia**, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FOZ, Maria Teresa. **Teoria e prática da comunicação**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; GHEDIN, Evandro (Org.). **Questões de método e pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Marise; MORAES, Roque. **A pesquisa-ação e a formação de professores**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria da ação comunicativa: crítica da razão funcionalista**. v. 2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O cérebro nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002.

KAPLÚN, Mario. **Processos educativos e canais de comunicação**. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, Moderna/Eca-Usp. 1999.

LEDOUX, Joseph. **O cérebro emocional: os misteriosos caminhos da emoção**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios? Conceitos básicos de neurociência**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação**, Inc

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NONNENMACHER, Patricia da Silva. **Educomunicação e os desafios da prática docente.** Santa Catarina. 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação um campo de mediações. In CITELLI, Adilson Odair, COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011a.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação contribuições para a reforma do ensino médio.** São Paulo: Paulinas, 2011b.

SPITZER, Manfred. **Aprendizagem: o cérebro e a escola.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.